

julia mareco \rightleftarrows artista

2025

julia mareco \rightleftarrows artista

2002, são paulo, brasil

Paulista descendente de imigrantes de São João do Rio do Peixe - PB, e São Bento do Una - PE. Graduanda bolsista em Bacharelado em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo com previsão para 2025, atualmente artista-educadora e oficinaira residente no Instituto de Arte Contemporânea, com âmbito na exposição “Modus Operandi” de Regina Silveira. Formada em Editoração Iniciante no programa “Tramas da Edição” de Fernanda Grigolin. Realizou exposições coletivas dentro da universidade e externamente. Em São Paulo, participou de exposições no Centro Cultural Famintas, Ocupação Artemísia, e festivais de fotografia pela Panamericana e Aliança Francesa. No Ceará, participou da exposição “Novena” na Galeria Leonardo Leal, em exposição coletiva. Irá inaugurar exposição individual no SESI Uberaba - MG, em julho de 2025 na mostra “Mazelas”.

julia mareco \rightleftarrows artista

1.cabeça

2.olho

3.joelho

4.pé

julia mareco \rightleftarrows artista

cabeça | ca·be·ça

1. anatomia geral: uma das grandes divisões do corpo humano, constituída pelo crânio e pela face e que contém o cérebro e os órgãos da visão, audição, olfato e paladar.
2. figurado: centro do intelecto, da memória, da compreensão e do controle emocional; inteligência, juízo.

cabeça

graciliano ramos
walter benjamin
francys alÿs
francesco careri
silvia frederici
cassiano | mus.
charles bukowisk
gaston bachelard
jean baudrillard
friedrich nietzsche

suzy lee
belchior | mus.
ayrson heráclito
andré komatsu
daniel murgel
tim ingold
jean-paul sartre
alberto giacometti
francis bacon
bituca | mus.

sócrates | fut.
david cronenberg
grada kilomba
franz kafka
celeida tostes
pierre lévy
marcelo grassmann
luana vitra
henrique oliveira

julia mareco \rightleftarrows artista

olho | o·lho

1. anatomia geral: o órgão da visão, nos animais e no homem.
2. figurado: aplicação mental e/ou da visão sobre algo ou alguém; atenção, cuidado, vigilância.



olho \rightleftarrows olaria mareco

olaria mareco abrange toda a produção de cerâmica da artista.
assinatura \rightleftarrows provocação alinhada a discrepância entre produção individual e industrializada.



olho \rightleftharpoons um ensaio sobre resiliência

2023. instalação com duas peças cerâmicas produzidas manualmente pela artista, com 30 x 10 x 10 cm cada. as peças são presas á parede e suspensas no ar com cordas de sisal.



olho \rightleftharpoons autobiografias

2023. instalação de teto de díptico com peças cerâmicas esmaltadas, unidas com arame e aplicações de caco de vidro, cada peça possí 10 x 20 x 10 cm. autobiografias abrange a série, com duas edições até esse momento: a primeira chamada “autobiografia”, e a segunda “geni”.



olho ⇌ demarcadas

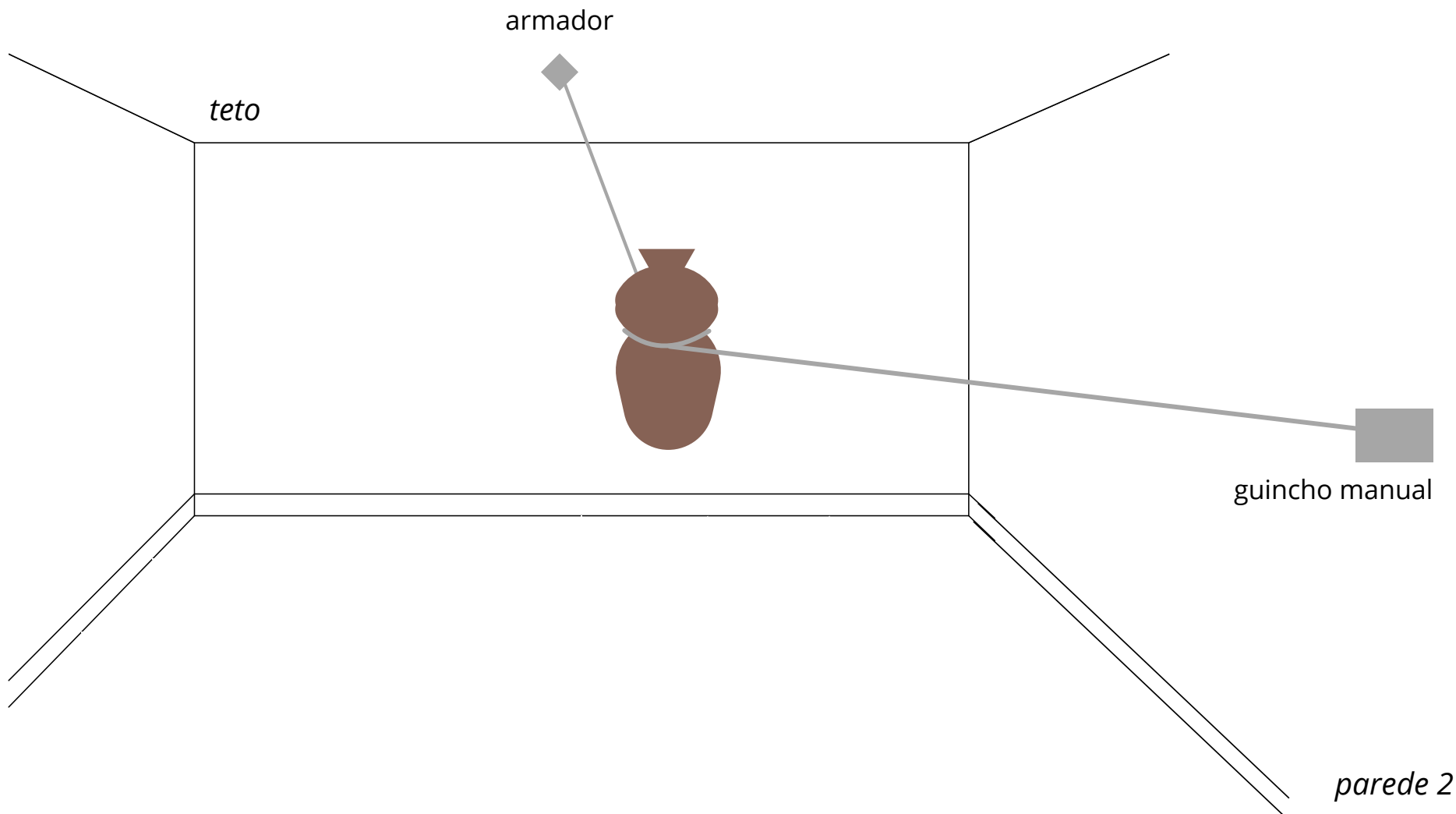
2024. 5 vasos cerâmicos de alta temperatura com dimensões variadas, médias em 50 x 20 x 20 cm.

a série apresenta vasos manufaturados pela artista com impressões brutas e deformadoras, porém ainda delicadas, de acessórios têxteis íntimos femininos: sutiã, calcinha e cinta.




olho \rightleftharpoons o preço da paz

2024. o preço da paz abarca a produção de pratos de porcelana, com interferências de aplicações de materiais como cerâmica fria, algodão, tinta acrílica e verniz esmalte. os pratos possuem dimensões variadas, entre 10 x 10 x 3 cm até 30 x 30 x 3 cm. as peças são instaladas na parede, á altura dos olhos.



olho \rightleftharpoons violentamente pacífico

2025. projeto em concepção - três vasos cerâmicos de alta temperatura com dimensões variadas, médias em 50 x 20 x 20 cm, suspensos no ar com cabos de aço presos à parede, teto e chão. os vasos seguem o formato de potes d'água típicos do sertão nordestino, artesanamente fabricados. o nome é uma homenagem à música do grupo de rap Racionais - Capítulo 4, Versículo 3.



QUEM
COM
FERRO
FERRE

olho \rightleftharpoons quem com ferro fere, com
ferro será ferido

2024. a obra trás um díptico, de duas peças de couro expostas na parede presas com cordas e pregos. as peças possuem, cada uma, 100 x 70 x 1 cm. as peças são queimadas em ferro quente, com interferências com tinta acrílica e verniz esmalte. a frase gravada traz, respectivamente - *quem com ferro fere | com ferro será ferido.*



olho \rightleftarrows de todos os ferros que ferem

2024. acompanhando a produção anterior, a instalação traz 13 carimbos de ferro enferrujados expostos lado a lado, em parede. cada um possui 40 x 10 x 2 cm.



olho \Leftrightarrow registros concretos

registros concretos é o vestígio da ativação coletiva do livro de artista - registros concretos. as “páginas” são chapas de concreto de 20 x 20 x 3 cm, com inscrições de diferentes formatos por pessoas diferentes. a exposição ideal se dá pelo arquivamento das páginas em carrinho de mão.

<https://www.youtube.com/watch?v=caE4cemqG3g&t=177s>



olho \rightleftarrows letargia

2024 - atualmente. a série letargia traz pinturas de pequeno formato, a óleo, com paisagens oníricas de contrastes de luz e sombra, como janelas, feixes de luz, abajures, postes, etc.



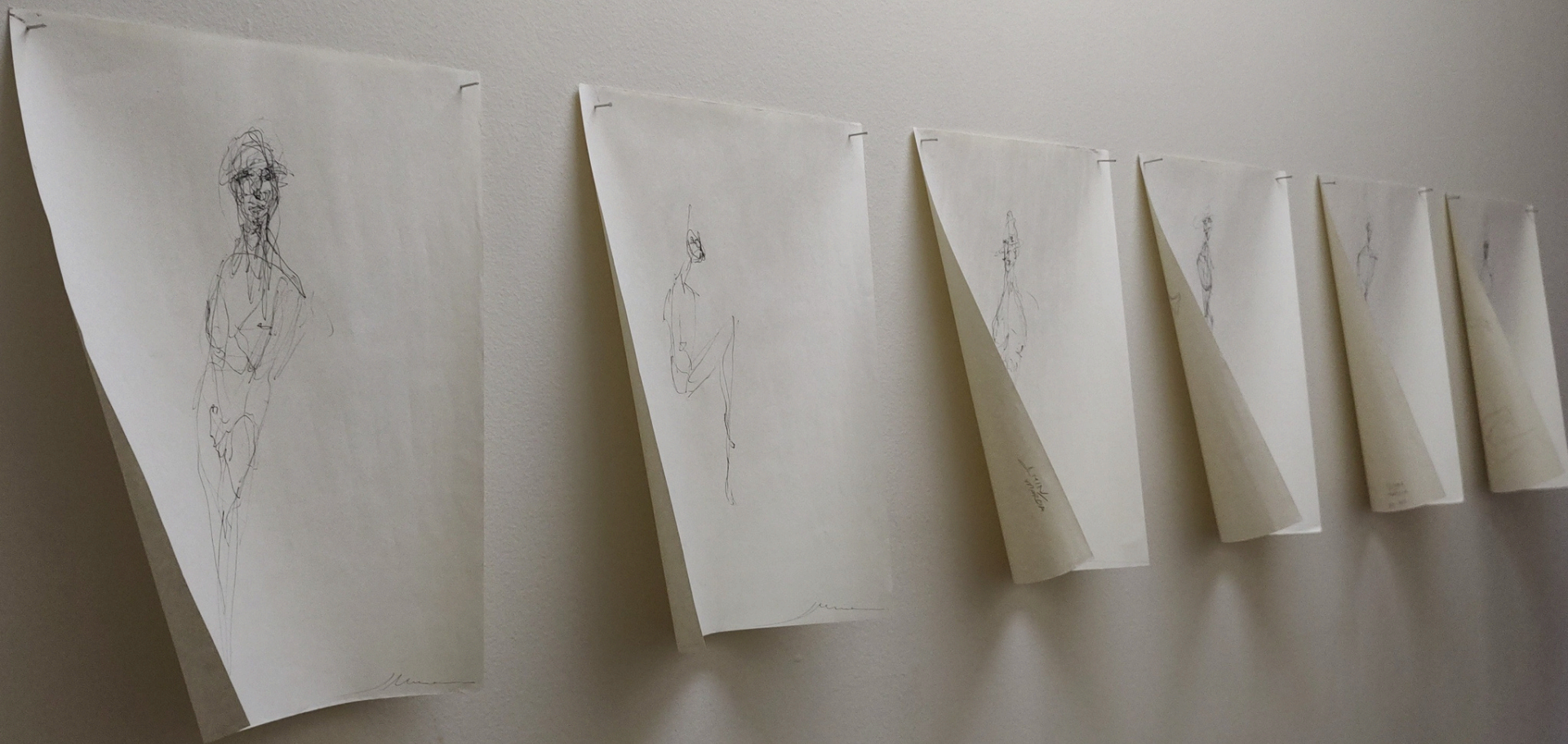
olho \Leftrightarrow anteparo inócuo

2023. série de fotografias digitais de cenas encenadas da modelo posicionada com cacos de vidro sobre seu corpo.



olho ⇌ aço & lona

2023. série de fotografias digitais retratando um dia de trabalho dos avós da artista - Margarida e José, como camelôs na Zona Leste de São Paulo.



olho \Leftrightarrow encorpamentos

2022 - atualmente. série de desenhos de memória com corpos humanos distorcidos, feitos em nanquim. possuem 40 x 30 cm.



olho \rightleftarrows o quê pesa no teu travesseiro?

projeto não concebido. instalação com videoarte contendo 24 peças de concreto em formato de travesseiro, e um vídeo projetado paralelamente à frente da instalação. o vídeo mostra entrevistas rápidas feitas para pessoas na cidade de são paulo, onde as mesmas respondem a pergunta: “o que pesa no teu travesseiro, hoje?”
nos travesseiros, são contidos objetos simbólicos frutos dos depoimentos.



olho \rightleftharpoons soltura

projeto não concebido. instalação de vela, amarrada e suspensa no ar por cabo de ferro e acesa. conforme a passagem do tempo, a vela é destruída e liberta de suas amarras.

julia mareco \rightleftarrows artista

joelho | jo•e•lho

1. anatomia geral: articulação ou região da articulação do fêmur com a tíbia e a fíbula.
2. figurado: articulação | exposição escrita ou oral em artigos ou parágrafos.

julia mareco ⇌ artista

joelho ⇌ aço & lona

CAMELOT: Do francês;

Mascate, vendedor ambulante, quinquilharias, bugigangas. Camelô.

São Paulo. Cidade industrial e farol para muitos migrantes na década de 70 abrigou, entre tantos outros, um casal Pernambucano que marca compõe a história e a paisagem da Penha de França, o segundo bairro mais antigo da cidade, joia da zona leste paulistana.

“Gosta de trabalhar na barraca vó?”

Gosta, desgosta, quem é que gosta de trabalhar aos 75 anos?

“Mudaria?”, “ Não fia. ‘Tô’ acostumada com meu trabalho já. Muitos anos né?”.

Pouco, 50 anos mais ou menos. Margarida, Dona Magal. José, Zé do Guarda-Chuva. Orgulhinho sem-vergonha de ser ambulante. Sem vergonha nenhuma. Casa própria, quatro filhas criadas e encaminhadas. Netos, e agora bisneto no forninho.

“Polícia não enche o saco mais hoje não. Antes era pior”.

8h, sai Zé pra Penha, Dona Magal arruma a casa e pega o 2726-10 pra acompanhar. Sem pressa, seu Zé já armou a tenda. Garoando, dia bom. Povo só lembra do guarda-chuva quando chove.

“Vivemos em tempos líquidos. Nada foi feito para durar”. Essa é uma das frases mais famosas do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, Nada, nem relações, nem bairros, nem tradições, nem guarda-chuvas.

Magal chega e Seu Zé já estava trabalhando, concentrado com o olho cirúrgico na linha e na agulha. Bauman, você pode consertar seu guarda-chuva pelas mãos do meu avô, ou comprar um novo pelas mãos da minha avó.

Povo vai, povo vem, dinheiro trocado vem e vai. 1 real, “Joga na cabeça avestruz, segunda eu pego.” Dona Magal, Dona Magal, com seu cabelo vermelho e olhos de cristal, quem resiste? Dessa vez vai, não custa tentar.

De segunda à sexta, a mais ou menos 50 anos. Dia vai, povo vem. Dia vem, povo vai. Em uma cidade verticalizada, minimalista, cidade limpa, condomínio fechado. Dona Magal vai, e vem. Orgulhinho sem romance, sem frescura, sem muito papo. Só sem vergonha. Orgulhinho sem vergonha dessa minha família, vô, vó, pai, mãe, tias e tios, do trabalho de calçada.

Orgulhinho desse meu berço de aço, de lona, de muamba.

Orgulhinho sem vergonha de existir, esse nosso.

julia mareco ⇌ artista

joelho ⇌ autobiografia

Refletir sobre identidade é sempre uma questão dentro da arte em qualquer linguagem. Para mim, o elo entre relação com o outro e vulnerabilidade é inerente a minha existência, somos seres sociais, e na atualidade espera-se um individualismo ríspido de cada um, deixando-nos vulneráveis a partir da tentativa falha de fortalecimento. Para Gormley, não só sua escolha em usar seu próprio corpo para suas obras reverbera na sociedade como um todo, mas também, suas dificuldades no fazer artístico são partes fundamentais para tornar a peça material, unindo pessoas com conhecimentos diversos e criando laços inesperados.

Eu soube que a parte escolhida seria o pé assim que ouvi a palavra “corpo”. Nosso pé, maltratado, nos sustenta, nos carrega, é forte e ao mesmo tempo vulnerável, qualquer erro já define nosso andar, humor, nossa identidade. Ando desenhando com o pé, dando a oportunidade para ele se expressar visualmente, e não somente pelo tato. O pé entra nesse trabalho primeiro como um molde performático –foram quatro pessoas necessárias para a tarefa, e nenhuma delas era eu, que era apenas a espectadora. O confiar no outro é necessário.

Para a prensagem, levaram algumas insistências, a argila não estava feliz em se tornar um pé, de repente. Ao utilizar arames para costurar as duas partes imperfeitas do pé, monto um corpo fragmentado, que se esforça para continuar inteiro. Os cacos de vidro em uma belíssima cerâmica esmaltada, na palma do pé, reforça, a materialidade da cerâmica dura e ao mesmo tempo maleável e nós, seres humanos, duros e moles, individuais e coletivos, juntando cacos para nos manter unidos enquanto indivíduos, e enquanto sociedade.

julia mareco \rightleftarrows artista

joelho \rightleftarrows o preço da paz

A porcelana é uma variedade de cerâmica dura e resistente, branca, às vezes translúcida, que é preparada a partir de uma mistura triaxial de caulim, feldspato e quartzo. Essa peça, comum e delicada, é encontrada com facilidade em ambientes domésticos e gastronômicos. A obra trás a porcelana limpa, brilhante e bela em seu limite; Trincada e exposta. A composição da peça quebrada, com sangue pulsante em carne viva é grotesca. Exposta na altura do olhar, com orgulho e zelo, a representação do sangrar e do apodrecer nos remete ao desconcertante: tem algo de errado, mas somos tentados a desviar o olhar. Lares familiares pós-industriais tem como alicerce a mulher-mãe, madonna-puta. A submissão-degeneração feminina para manter a insustentabilidade dos laços estreitos e rígidos de uma convivência familiar. Implosão, doenças psicossomáticas, alcoolismo e suicídio. O empoderamento feminino começa a ganhar forças, com uma primeira brisa de esperança de uma vida independente, milhares de mulheres optam por viver. Reverbera em uma epidemia de Feminicídios. Sociólogos dizem não entender porque as relações já não são mais pacíficas e duradouras.

O preço da paz sempre foi paga com a carne feminina.

julia mareco \rightleftarrows artista

joelho \rightleftarrows quem com ferro fere, com ferro será ferido

De todas as verdades absolutas dos ditos populares;

Essa foi a frase escolhida para dar a série dessa produção, composta de muitos elementos. Passando por muitos campos da antropologia, encontro um provérbio africano popular: “Quando um velho morre, é como se incendiasse uma biblioteca. ” De fato. Pensemos sobre toda a verdade absoluta dos ditos populares, todas as mentiras e meia-verdades. Todas as omissões e coações populares, todas as nossas moralidades e pudores.

Como uma faísca inicial, opto por um ditado que é bruto:

“Quem com ferro fere;

Com ferro será ferido. ”

Essa máxima, que tem origem bíblica, - fruto da compaixão do novo testamento, é uma afirmação com um tom que depende de seu leitor – Espera-se que quem com ferro fere, se fira também. Ou, sabe-se que está carmicamente escrita sua ferida?

A escolha da materialidade vem naturalmente, assim como o flagelo do mártir cristão, o suporte é pele, carne, que já foi um dia viva. Couro, com suas cicatrizes e histórias, aqui se sustenta como matéria que fala por si.

O ferro que fere, não vem aqui como espada, lança ou adaga. Nos é apresentado como o ferro quente, o carimbo grotesco que marca a pele. Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Temos o couro que sustenta a si mesmo, e o ferro que marca, criando ferida sob ferida. Mas a máxima não é sozinha, ela se divide: Trago ambas para que apresentem suas forças separadas, que nada é garantido.

O segundo, apresenta o couro como suporte que suporta a si mesmo, deixando toda a vivacidade de sua apresentação disparar sua máxima ao espectador: Quem apanha não esquece, a carne não esquece, as marcas ficam. E mesmo que se vão, não será esquecido.

julia mareco ⇌ artista

joelho ⇌ registros concretos

O livro de artista “Registros Concretos” traz somente um material simples e ordinário: o concreto. O livro é composto por placas feitas de concreto, estas empilhadas com possibilidade de serem manipuladas.

Em “Registros Concretos”, o nome é tão literal quanto o objeto, que se trata, apenas, do registro de um gesto causado por um terceiro infligindo o cimento fresco. Em um primeiro momento, ao ver um objeto tão bruto como o concreto cinza, isso nos leva a pensar na degradação, ou o reverbério da hostilidade de seu ambiente natural - a cidade. Isso não está errado, pelo contrário, está presente de forma evidente. Entretanto, mais do que apenas a hostilidade, existe o zelo. A receita da preparação do material foi estudada para alcançar o contraste e resistência idealizados. Cada placa foi preparada, moldada, aplainada e disposta para que outras pessoas pudessem injuriar suas superfícies de forma controlada. Sua secagem também fora moderada a fim de evitar rachaduras, também foram delicadamente manipuladas e movimentadas para que pudessem ser empilhadas como folhas. A preocupação em manter as placas com espessura fina o suficiente para proteger a transparência do disparo do entendimento de páginas-objeto fora a prioridade na composição. Com isso, apesar do material hostilizar a visão, apresenta, ao olhar mais atento, zelo. Movimentos finos, partes do corpo, registro - vida. A vida que surge da pedra fria.

Dos movimentos, podemos investigar a necessidade do animal humano de marcar sua passagem, que é assistida constantemente em todas as eras. Registrar o acontecimento da vida acompanha a humanidade desde seu berço. É inerente a nós. Com a memória, o orgânico torna-se imortal, a carne vira pedra. Com esse acumulado de gestualidades controladas em pequenos formatos, revela-se pequenos cotidianos que acontecem espontaneamente em todo e qualquer ambiente urbano em constante transformação. O reverbério do momento em matéria, quase fotográfico, construindo sobre o chão um interminável livro de memórias com suas páginas - concretas.

Você anda pela cidade, com sua arquitetura calculada, cinza e estéril. Você anda olhando para o chão, pois já conhece a paisagem, e no chão corre a vida -pessoas, animais, lixo, movimento-, algo que pode te surpreender e te fazer levar um tropeço. Você vê chegando no ritmo do seu caminhar o brilho do cimento fresco, e a necessidade de blasfemar a superfície cinza e inerte formiga em você. Compreensível, você é orgânico, o estéril doi à vista. O ser, contemplando a cidade em linhas verticais e ângulos retos, necessita de uma oscilação orgânica – remexer aquele pequeno metro quadrado de cimento posto sobre a calçada. A beleza do ordinário.

Drummond, em 1928, escrevia uma de suas obras-primas, joia do movimento antropofágico que consiste no inesquecível objeto de contemplação: uma pedra, que estava casualmente em seu caminho, potencialmente ordinária como todas as outras.

julia mareco \rightleftarrows artista

pé \rightleftarrows raiz | ra·iz

1. anatomia geral: extremidade do membro inferior abaixo da articulação do tornozelo e terminada pelos artelhos, assentada por completo no chão, e que permite a postura vertical e o andar.
2. botânica: órgão de uma planta, geralmente fixo ao solo, com as funções de fixar a planta a um substrato, além de absorver e conduzir água e nutrientes; estirpe.
3. figurado: vínculo que se estabelece com o lugar, costumes ou cultura onde se nasceu ou viveu.

julia mareco \rightleftarrows artista

pé \rightleftarrows raiz | ra·iz

zona leste, penha. são paulo - sp, brasil

(11) 9 3422-7060 | alojuliamareco@gmail.com

www.juliamareco.com